



O ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO PARA O ENSINO DA ÉTICA NAS ESCOLAS

PHILOSOPHICAL COUNSELING FOR ETHICS EDUCATION IN SCHOOLS

NETTO JUNIOR, Renato Alves¹

RESUMO

Este estudo analisa a possibilidade da utilização da prática filosófica na educação, através do Aconselhamento Filosófico como ferramenta didática para o ensino da ética nas escolas. Neste contexto, perpassaremos pelos principais movimentos da Filosofia Prática ao longo da história e analisaremos: O que é o Aconselhamento Filosófico e sua utilização, apresentando a Filosofia Prática iniciada por Gerd B. Achenbach em 1981 e outros expoentes oriundos desse movimento; a definição do conceito de moral, ética e a origem dos conflitos na obra de Henrique C. Lima Vaz; e, para finalizar: o papel da escola e do professor de Filosofia dos trabalhos de Tomas Magalhães Carneiro e outros defensores de uma educação mais participativa.

Palavras-Chave: Ética, Filosofia Prática, Cidadania, Escola, Professor.

ABSTRACT

This study examines the possibility of using philosophical practice in education through the Philosophical Counseling as a teaching tool for teaching ethics in schools. In this context, walks by major movements of Practical Philosophy throughout history and analyze: What is the Philosophical Counseling and use, presenting the Practical Philosophy initiated by Gerd B. Achenbach in 1981 and other exponents of this movement coming; the definition of morality, ethics and the origin of the conflicts in the work of Henrique C. Lima Vaz; and to finalize: the role of the school and the Philosophy professor of Tomas Magalhães Carneiro works and other advocates of a more participatory education.

Keywords: Ethics, Practical Philosophy, Citizenship, School, Teacher.

¹ Licenciado em Filosofia e Pós-graduado em Aconselhamento Filosófico. Centro Universitário Claretino. E-mail: ralvesnettojr@gmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6408110107064826>.



Introdução

Em maio desse ano, foram divulgados os números da Educação Mundial, o Brasil aparece na 60ª posição, do total de 76 países pesquisados, cerca de um terço do Planeta. O teste foi realizado com alunos de 15 anos nas disciplinas de matemática e ciências. (ESTADÃO, 2015)

Essas notícias fazem com que a sociedade brasileira cobre mais eficiência do ambiente escolar, pois a escola é a instituição facilitadora do processo educacional. Pesquisas como estas, servem para demonstrar porque a grade curricular aplicada nas escolas procuram valorizar mais as disciplinas das áreas de exatas, denotando a existência de um paradoxo à ser discutido!

Analisando a **LBD** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - no Título II – Art. 2º diz o seguinte: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho.

Assim como, também, na lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 que aprovou a implantação do **PNE** (Plano Nacional de Educação), no Art. 2º – São diretrizes do PNE – Inciso V, descreve como deve ser a formação do indivíduo: “Formação para o trabalho e para a cidadania, **com ênfase nos valores morais e éticos** em que se fundamenta a sociedade”.

Ambas análises encontram, nas ciências humanas e, principalmente, na Filosofia, uma base sólida para prover as diretrizes estabelecidas. Existem outros pontos no PNE e da LBD que, também, trazem temas pertinentes a Filosofia que vale a pena conhecer.

A questão emergente é: A matemática e as demais ciências exatas darão conta de atender os requisitos da LBD e do PNE e,

além disso, melhorar a posição do Brasil no ranking mundial de educação?

Valores morais e éticos são disciplinas estudadas pela Filosofia, assim como, a epistemologia, a lógica e a dialética, por isso, a Filosofia é a disciplina que possui os conhecimentos necessários para dar sustentação ao PNE. Ao professor de Filosofia caberá a tarefa de encontrar novas ferramentas didáticas que o habilitem para essa missão. Obviamente, esse debate abre campo para refletirmos sobre outras questões: Como a Filosofia pode ser aplicada de forma prática? Como são gerados os conflitos éticos? Qual o papel da escola e do professor neste contexto?

Começamos por entender que a Filosofia é um conhecimento que permite ao Homem fazer uma reflexão crítica sobre um determinado tema, problema ou dilema, além disso, coloca-o como o objeto principal das suas investigações, dessa forma, ela se volta para a vida do Homem e como este se relaciona com o meio, neste caso, a sociedade.

Atualmente, devido aos problemas atuais da sociedade moderna. Tais como: a corrupção, a falta de segurança e o descaso das autoridades públicas com as questões sociais de igualdade e de direito, urge a necessidade em aproximar a Filosofia do cotidiano das pessoas, principalmente, através da ética. O exercício filosófico de autorreflexão quando praticado na escola, permite que o aluno encontre novos meios de pensar e agir, tornando-se mais criativo, além de encontrar argumentos mais consistentes para sustentar suas decisões. Dessa forma, suas ações estarão imbuídas de razões para ser feliz, ao invés de buscar a felicidade como um sentido de Vida. Segundo Viktor Frankl (apud Pereira): “Quem busca a “felicidade” em si, parece desejá-la de modo absoluto, incondicional e individual, sem que nela esteja implicada uma ideia de “razão” para ser feliz”. (PEREIRA, 2007, p. 128)

A Filosofia, dessa forma, além de ser



fundamental para o cumprimento do PNE, tem como principal missão: exercer seu papel de questionadora; subverter o conhecimento praticado pelo senso comum; validar a verdade dos argumentos; ser crítica de si mesma e ter a dúvida como sua principal aliada. Resumidamente, formar indivíduos mais críticos e conscientes do seu papel individual e social, além de possibilitar rever valores morais oriundos da sua formação, hábitos e costumes, muitas vezes, origem da maioria dos conflitos éticos da sociedade contemporânea.

Segundo Maria José Barbosa: “A Filosofia deve promover a autonomia do pensar, indissociável a correta apropriação e posicionamento crítico face a realidade dada, que passa por pensar o mundo e compreender a vida nas suas múltiplas interpretações”. (BARBOSA, 2015, p. 12)

Nos acostumamos a aprender a Filosofia pela sua história e seus pensadores, em reuniões e cursos acadêmicos que focam na especialização sobre determinado tema ou ponto de vista de determinado filósofo. Por isso, nossa jornada começa com a retirada da Filosofia das prateleiras, tirar a poeira dos livros e entendê-la aplicada ao cotidiano.

No primeiro momento abordaremos **O que é Aconselhamento Filosófico** e alguns dos fundamentos que deram uma nova roupagem a prática Filosófica. Segundo Peter Raabe, representante do movimento de Aconselhamento Filosófico no Canadá: “... a Filosofia pode ser usada para aliviar a aflição, ajudar as pessoas a chegar a uma melhor compreensão de si mesmas e de seu mundo, e melhorar a vida de uma pessoa, remonta à antiguidade” (RAABE, 2015, p.1).

O movimento para tornar a Filosofia mais acessível vem crescendo por todo mundo. Atualmente, existem conselheiros filosóficos, associações profissionais, programas de certificação e cursos de Extensão Universitária no Brasil, Portugal, Itália, Espanha, Holanda, Canadá, Noruega,

Áustria, França, Suíça, Israel, Grã-Bretanha, Estados Unidos e muitos outros países.

Para entendermos a diferença entre Moral e Ética, analisaremos também a **Definição do Conceito de Moral, Ética e Origem dos Conflitos** do filósofo Antonio Lima Vaz, ele define a Ética a partir da origem do vocábulo *Ethos* e como esse *ethos* de desdobra nas dimensões do Homem. A origem dos conflitos inicia na relação entre o *ethos* individual e o *ethos* social, com isso, o *ethos* se torna um processo dinâmico e circular. Segundo Lima Vaz:

Se admitirmos que a sociedade é um ‘conjunto de conjuntos’, como requer Fernand Braudel, devemos enunciar como condição necessária e suficiente para que os subconjuntos sociais pertençam ao conjunto maior ou a sociedade como um todo... (VAZ, 2013, p. 22)

A análise de viabilidade para tornar a escola apta a formar cidadãos e utilizá-la como espaço para o ensino da Ética, para tanto, faz-se necessário abordar também **O Papel da Escola e do Professor de Filosofia no ensino da Ética** – verificaremos a possibilidade de transformar o ambiente escolar num local propício para formar indivíduos aptos ao exercício da cidadania. Através da autorreflexão crítica sobre as ações tomadas a partir do *ethos* individual, transformamos o *ethos* social, pois, este está estruturado em ações normativas e com finalidades específicas, exercidas em contextos diferentes no exercício da cidadania. Segundo Moacir Gadotti:

Pode-se dizer que cidadania é essencialmente consciência dos direitos e deveres e exercício da democracia: direitos civis, como segurança e locomoção; direitos sociais, como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação, etc.; direitos políticos, como



liberdade de expressão. De voto, de participação em partidos políticos e sindicatos, etc. Não há cidadania sem democracia (GADOTTI, 2010, p. 68).

A cidadania é vivenciada e aprendida através do exercício da ética e através do exercício dialógico proporcionado pela prática filosófica. Com base nesses fundamentos e acreditando ser possível a escola formar pessoas mais aptas a viver em sociedade, o estudo levanta alguns questionamentos: Como isso pode ser feito no ambiente escolar? Quais e como deveriam ser os valores a serem ensinados aos alunos para cumprir o estabelecido pela LBD e PNE?

O que é aconselhamento filosófico?

Atualmente, devido às inúmeras atividades desenvolvidas no mundo moderno não nos damos conta das nossas ações e reações diante de determinados problemas do cotidiano, agimos e reagimos de forma diferente diante de situações semelhantes, criando assim, um ambiente propício para questionamentos pessoais, familiares ou profissionais. Quem eu sou? O quem vim fazer aqui? Qual o meu propósito de vida? Além de outras questões que, diariamente ou num determinado período, se apresentam. Neste caso, a proposta é investigar até onde a utilização da Filosofia, pode orientar as pessoas a fundamentarem suas escolhas e buscarem novos resultados, ou seja, analisando o presente com vistas para o futuro.

O termo aconselhamento não nos parece muito aplicado a Filosofia, pois, logo vem a pergunta: Cabe a Filosofia voltar-se para si mesma, objetivando encontrar uma forma para “ajudar” uma pessoa ou um grupo?

Obviamente, para responder essa questão, partimos da premissa que a Filosofia deve sim se importar e procurar redescobrir seu sentido. Atualmente, o movimento de tornar a Filosofia mais

acessível está presente em vários locais: associações, cursos, palestras, conferências, seminários e cafés filosóficos.

Os estudos sobre o processo de tornar a Filosofia uma disciplina capaz de “ajudar” alguém remonta aos seus primórdios, a preocupação em torná-la prática já havia sido descrita por Epicuro, conhecida, também, como “Terapia da Alma”. Segundo Epicuro, um dos fundadores do movimento que leva seu nome, o Epicurismo, cabe ao filósofo aliviar o sofrimento humano e preencher os vazios existenciais dos indivíduos. Os estoicos também discutiram sobre, a Filosofia Estoica deixa claro que o papel da Filosofia é a arte de aprender a viver bem. Sócrates usou a dialética para incentivar os seus concidadãos a exercitarem a reflexão lógica e o pensamento crítico, forçando seus interlocutores a reexaminarem seus pensamentos e ações.

Durante a trajetória da Humanidade, muitos filósofos foram chamados para serem conselheiros de governantes, Aristóteles foi professor de Alexandre, o Grande; Sêneca foi conselheiro de Nero; Heidegger participou do partido nazista e depois foi reitor da Universidade de Friburgo, enfim, muitos outros, também, foram e são representantes de correntes de pensamentos que influenciam muitos políticos, educadores e empresários. Atualmente, no Brasil, vemos filósofos sendo chamados para darem suas opiniões em programas de televisão, rádio, palestras e entrevistas, tais como: Mario Sergio Cortella, Clovis de Barros Filho, Marcia Tiburi e Viviane Mosé.

O movimento atual de Aconselhamento Filosófico, doravante denominaremos simplesmente como **AF**, iniciou com Gerd Achenbach na Alemanha, em 1981, começou como uma alternativa para os tratamentos psicoterápicos e psicanalíticos, mas não como uma nova espécie de terapia. O trabalho desenvolvido por Achenbach serviu de base para a carreira de muitos outros filósofos que



trabalham com a Filosofia Prática.

Um dos representantes do movimento de AF é Peter Raabe, nascido em 1949, Montabauer – Alemanha e vive no Canadá desde 1957. Segundo Raabe: “O aconselhamento filosófico consiste de um filósofo treinado ajudando um acordo individual com um problema ou uma questão que é motivo de preocupação para esse indivíduo” (RAABE, 2015, p. 1).

O AF é visto como uma forma capaz de fazer com que as pessoas possam encontrar por si mesmas, um sentido para suas vidas. O AF se propõe a tratar de problemas de pessoas sãs, portadoras de questionamentos filosóficos. O aconselhamento ou consultoria como, também, é chamado, não se trata de um tratamento universal ou de um modelo de transferência de conhecimentos e ou recomendações bibliográficas de filósofos, segundo Castro, “A consultoria não é apresentar ideias ou correntes filosóficas ou adequá-las ao problema ao consultante como se fosse um menu, e muito menos prometer-lhe a felicidade”. (CASTRO, 2014, p. 41)

Resumidamente: Uma forma de esclarecimento mútuo entre o filósofo e a pessoa ou grupo, um espaço para a investigação filosófica encontrar novos argumentos que preencham os questionamentos levantados, como por exemplo: Angústia diante da morte; Desespero diante do futuro; Dificuldades para resolver conflitos; Falta de sentido na vida; Frustrações diante do desejo pela felicidade; Indecisão perante dilemas; Trabalhar um projeto de vida e outras mais e, ao filósofo, cabe pensar com elas.

Em Portugal, em Faro, temos o trabalho de Jorge Humberto Dias, Diretor do Gabinete PROJECT@, Coordenador da Linha de Investigação em Filosofia Aplicada na Universidade Católica Portuguesa e Doutor em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, autor do livro: “Pensar Bem, Viver Melhor” (2006). Segundo Jorge Humberto Dias:

“O Aconselhamento Filosófico é a aplicação da Filosofia aos temas/problemas do mundo contemporâneo”. É uma atividade profissional que fornece um serviço de consultas utilizando a Filosofia para diversos fins: ajudar uma pessoa a sentir-se melhor, a resolver um determinado problema ou a compreender melhor uma determinada questão (DIAS, 2015).

Logicamente, para desenvolver este trabalho não serão abordadas as metodologias utilizadas pelos diferentes movimentos de AF, por isso, nos ateremos ao fundamento comum a todas elas, o diálogo socrático.

A metodologia socrática pode ser resumida nas ideias convergentes: **“Conhecer a si mesmo”** e **“Cuidar de si mesmo”** que todos os métodos estudados almejam. Esse é o motor do AF, apesar de existirem metodologias complementares, esta permite questionar aquilo que se pensa e que se tem como verdade. Através do diálogo franco e claro é possível analisar pontos de vistas diferentes sobre um mesmo assunto, de forma amena, num clima de boa vontade e compreensão mútua.

Um Diálogo socrático nada mais é que uma sessão de investigação orientada por um filósofo que atua como moderador, o objetivo principal do diálogo é tentar responder uma pergunta filosófica concreta, buscando consenso em torno dos conceitos da pergunta. Segundo Tomás Magalhães Carneiro:

Um Diálogo Socrático é uma sessão de investigação filosófica em grupo na forma de um diálogo orientado por um filósofo, regido por determinadas regras e cujo intuito principal é o de promover o pensamento autónomo e crítico dos participantes (CARNEIRO, 2015).

Através do diálogo busca-se uma cooperação entre pessoas com diferentes experiências de vida, pois, a investigação inicia a partir dos relatos pessoais dos



participantes que o grupo considera relevante para ajudar a esclarecer a pergunta. Num primeiro momento, busca-se levar os interlocutores a questionarem suas teorias e, num segundo, os conduz a uma nova perspectiva. Esse método é chamado de maiêutica, o parto das ideias, pois, permite ao interlocutor a autorreflexão, levando-o a reconhecer sua ignorância e a gerar novos argumentos sobre o assunto, buscando, dessa forma, colocá-los diante dos seus próprios "dilemas" éticos.

Como ferramenta didática, a utilização do diálogo socrático procurará desenvolver nos alunos algumas competências que permitirão formular questões mais claras, além de: desenvolver a capacidade argumentativa; pensar criticamente; ser mais criativo; aprofundar intelectualmente nas suas experiências cotidianas; aprender a ter paciência e compreender a importância de ouvir os outros. Segundo Carneiro, "A Filosofia e o Diálogo Filosófico procuram tornar mais exigente e consciente o processo pelo qual adquirimos o nosso ponto de vista filosófico em conjunto com outros seres humanos racionais como nós." (CARNEIRO, 2015).

Definição do conceito de moral, ética e origem dos conflitos

Na obra de Lima Vaz, analisaremos a questão da Moral e da Ética, o primeiro capítulo do livro: Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura - trata sobre a definição semântica da palavra *Ethos*, pois esta possui dois significados distintos de interpretação: a primeira definição do *ethos* (com *eta* inicial, η), segundo Lima Vaz, é a casa do Ser, seu abrigo protetor, caracteriza-se como a sua morada, o espaço único e individual utilizado para a sua própria sobrevivência, segundo Lima Vaz:

O homem habita sobre a terra acolhendo-se ao recesso seguro do *ethos*. Este sentido de um lugar de estada

permanente e habitual, de um abrigo protetor, constitui a raiz semântica que dá origem à significação do *ethos* como costume, esquema praxeológico durável, estilo de vida e ação (VAZ, 2013, p. 13).

A segunda definição do *ethos* (com *épsilon* inicial, ϵ), segundo Lima Vaz, "diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos." (VAZ, 2013, p. 13). Neste caso, observa-se uma constância no modo de agir que contrapõe ao desejo individual, um determinador do modo de agir com vistas para a realização do bem. A razão é o alicerce para o exercício da ética social.

Com essa análise etimológica sobre o conceito de *ethos*, observa-se que as duas acepções se configuram e originam do vocábulo grego: um *ethos* que caracterizou a essência humana, sem denotar o uso da razão, que denominamos como **Moral** e um *ethos* que correspondeu à constituição da prática dos hábitos, quando a ação humana se defronta com a moral alheia e, fazendo uso da razão, o Ser supera os impulsos do desejo, que denominaremos **Ética**.

Existe, também, a tradução romana do *ethos*, do latim "Mores", significando costumes. Entretanto, essa definição latina da moral deixou de lado a dimensão humana do *ethos* grego (com *eta* inicial, η) para privilegiar o sentido comunitário de uma ação, resultando numa falta e entendimento das diferenças entre Moral e Ética.

Por isso, muitas vezes, a ética se confunde com a moral, entretanto, fica claro que são duas coisas diferentes, considerando-se que ética significa a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, enquanto que moral, como costume ou conjunto de normas/regras adquiridas com o passar do tempo.

Por exemplo, possuímos nossos valores morais desde pequenos, somos educados para sobreviver pelos nossos pais, familiares e amigos, esse aprendizado



norteia nossas ações, choramos quando estamos com fome ou sede; agredimos quando nos sentimos ameaçados; pedimos coisas sem ter noção de valores; corremos riscos sem avaliar os perigos e repetimos essas ações em qualquer contexto, pois aprendemos que assim conseguimos o que queremos. Quando vivemos em sociedade, se agirmos da mesma forma conflituaremos com os interesses do outro, pois existem entendimentos diferentes para situações semelhantes. Utilizar a razão antes de agir de forma automática, significa abrir mão do desejo individual em prol de um bem maior que satisfaça o indivíduo e a sociedade.

Podemos observar que existe uma circularidade dialética estabelecida entre valores morais e éticos, que faz da concepção de homem ser contrária a ideia de um Ser individualista, pois, existe um processo em curso de socialização do indivíduo que, através da educação, objetiva torná-lo um Ser social, segundo Lima Vaz:

Entre os diversos aspectos sob os quais pode ser considerado o processo de socialização do indivíduo e sua educação como ‘indivíduo social’, o mais fundamental é, sem dúvida, aquele pelo qual a sociedade aparece ao indivíduo como um fim, como lugar da sua auto-realização, o campo onde se experimenta e se comprova a sua independência, a sua posse de si mesmo (autarquia) (VAZ, 2013, p. 22).

Neste mundo multifacetado, onde o indivíduo precisa se garantir de maneiras diferentes para sobreviver; o regime capitalista que vivemos atualmente, onde as questões econômicas possuem um grande peso sobre as relações sociais e em todas as demais estruturas que compõem a sociedade, segundo Lima Vaz, “... as formas do *ethos* seriam relativizadas de acordo com o sistema de satisfação das necessidades materiais do indivíduo em determinada época.” (VAZ, 2013, p. 23). Dessa forma, o indivíduo sofre a influência

do capitalismo na construção da sua base social, onde a produção de bens norteará sua *práxis* e torna a ética subjetiva e de caráter ideológico.

Origem dos conflitos

Existe uma circularidade entre a Moral e a Ética e as diferentes interpretações para um mesmo valor, são as bases da geração do conflito ético, caracterizado pela relação entre frear os impulsos do desejo individual versus a expectativa social, não sendo uma simples infração da lei, segundo Lima Vaz, “O conflito ético é, pois um conflito de valores.” (VAZ, 2013, p. 32). Dessa forma, os costumes e práticas acabam se tornando uma pressão social que se expressa através de um inconformismo social, gerando a busca de novas formas de convivência e abrindo a possibilidade da reestruturação da Ética.

O Ser é livre para agir até certo ponto, pois, a pressão social preconiza um acordo através do cumprimento de regras e valores comuns, ferindo a liberdade individual de pensar e agir, segundo Lima Vaz, “O conflito ético se desenha, pois, como fenômeno constitutivo do *ethos* que abriga em si a indeterminação característica da liberdade.” (VAZ, 2013, p. 30).

A base desse ensaio é o jovem em fase de construção da sua identidade, neste período, ele está lidando com suas próprias representações do mundo, criando seus projetos, planejando seu futuro e revendo suas experiências, ou seja, sua identidade pessoal está vinculada à sua própria história de vida, marca a busca de uma autonomia para agir.

Por isso, é comum nesta fase de convivência com outros indivíduos da mesma faixa etária, principalmente, no ambiente escolar, o surgimento de conflitos de interesses, já que as práticas coletivas são diferentes, segundo Silvio Gallo: “Convivendo com outros homens, os conflitos de vontades e interesses são



sempre inevitáveis.” (GALLO, 2007, p. 27). O resultado dos conflitos é balizado pelas relações de poder quando cada indivíduo tenta impor ao outro a sua vontade pessoal, geralmente, vence o conflito aquele que está mais capacitado e possui mais habilidades para subjugar a vontade do outro, Segundo Silvio Gallo:

O jogo de poder apresenta-se, assim, como um jogo de vontades, no qual a vontade de um – o mais forte, por alguma razão – acaba se impondo sobre a vontade de outro ou outros. A noção de poder implica também a capacidade de ter suas ordens obedecidas (GALLO, 2007, p. 27).

Evidentemente, as pessoas não nascem com a moral desenvolvida a ponto de perceber todas as diferenças de poder, mas, podem se tornar indivíduos éticos pela educação, quando a cidadania passa a ser um objeto de aprendizagem. Este fato decorre que ninguém pode permanecer alheio às questões sociais, além disso, existem diferenças sociais e educacionais, além do problema da evasão escolar. Segundo Aranha: “Sabemos que persiste o dualismo escolar pelo qual à educação destinada as classes subalternas não é integral, como a oferecida à elite, além de que inúmeras crianças e jovens deixam a escola muito cedo para trabalhar.” (ARANHA, 2006, p. 182).

O papel da escola e do professor de filosofia para o ensino da ética

Inseridos numa sociedade tecnológica globalizada, o conhecimento se tornou cada vez mais necessário, mas, os mecanismos para sua aquisição exigem pouco ou nenhuma reflexão. Por exemplo: um aluno não se interessa pelo ensino da matemática, geografia, Filosofia e outras matérias, porque acredita que um *smartphone*, que possui as funções: Calculadora, GPS e Internet, sejam suficientes para ele ter acesso ao conhecimento quando quiser e

sem precisar estudar. Esquecem-se que o conhecimento precisa ser aprendido de forma crítica e reflexiva, além disso, muitos se dizem portadores de sua própria filosofia, mas esquecem-se, dos principais fundamentos filosóficos envolvidos, tais como a metafísica, a epistemologia e a lógica.

Para regulamentação do ensino da Filosofia nas escolas, foi elaborado um caderno sobre as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias. No capítulo 1 - Introdução, diz o seguinte: “A Filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no ensino médio, pois isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando”.

Seguindo as orientações da publicação, resta-nos a tarefa de aprimorar o ensino dos conhecimentos Filosóficos de forma mais adequada aos alunos, principalmente do ensino médio, de acordo com o exposto no Inciso III do § 1o do Artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases fica claro o papel da Filosofia e da Sociologia para o exercício da cidadania, quando diz: “[...] ao final do ensino médio o educando deve demonstrar o “domínio” dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania”.

Pode-se observar a existência de um paradoxo entre o pretendido pelos governos, através do PNE ou da LBD, e o praticado hoje nas escolas, pois essas diretrizes mudam a concepção da escola tradicional que só visa ensinar, torna-a, também, uma instituição que precisa reaprender a ensinar.

Para promover esta mudança é preciso que os profissionais da educação, também, assumam uma postura diferente que leve à reinvenção do sistema ensino-aprendizagem. O modelo educacional atual quer seja aplicado nas escolas ou nas universidades, foi consolidado há vários séculos e agora têm que dar conta, também,



das novas demandas e necessidades de uma sociedade democrática, tecnológica, inclusiva, repleta de diferenças sociais e pautadas no conhecimento inter, multi e transdisciplinar.

É atribuição, também, dos profissionais da educação, cumprir as diretrizes estabelecidas pela Lei, tornando a escola um espaço único, pois é formado por uma teia de valores sociais que se interligam e possibilitam, além do estudo: encontrar pessoas; discutir ideias; reunir famílias; participar da política e da comunidade local. Na escola, o indivíduo adquire o direito de exercer sua liberdade de reflexão dialética, por isso, a escola precisa se renovar constantemente, transformando-se um espaço dinâmico e criativo para o aluno, segundo Moacir Gadotti:

A escola está desafiada a mudar a lógica da construção do conhecimento, pois a aprendizagem agora ocupa toda nossa vida. E porque passamos todo tempo de nossas vidas na escola – não só nós – professores – devemos ser felizes nela (GADOTTI, 2010, p. 89).

O conceito de cidadania deve ser entendido dentro do contexto educacional, a educação para formar cidadãos é necessária e deve partir de um movimento amplo, conforme Moacir Gadotti: “A educação para a cidadania deve ser entendida hoje, no Brasil, a partir de um movimento educacional concreto, acompanhado por uma particular corrente de pensamento pedagógico”. (GADOTTI, 2010, p. 67)

Então, como o professor de Filosofia deve ensinar a ética aos alunos? Questão complicada para a maioria dos professores, pois a visão conteudista tradicional só visa passar conhecimentos prontos. Felizmente, existem alternativas para o professor deixar de ser um detentor, apresentador e avaliador do conhecimento para se tornar um moderador de ideias. Segundo Carneiro:

Para isso propomos aos professores que comecem, no início de cada tema do programa da disciplina de Introdução à

Filosofia por ouvir realmente as ideias e os argumentos dos seus alunos sobre cada problema filosófico do programa. Propomos que ouçam e aceitem mesmo aquelas ideias e argumentos que lhe pareçam absurdos e não vejam neles qualquer pertinência. Esta é a única forma de conseguir com que os alunos façam seus os problemas filosóficos propostos (CARNEIRO, 2015).

O professor torna-se um facilitador, ajuda os alunos a pensarem, para isso, pode se utilizar de ferramentas de moderação. O foco do professor é voltado a entender "como pensam" e não no "que pensam" os alunos, provocar e dirigir de uma forma sutil o questionamento filosófico e não ensinar ou divulgar as doutrinas dos filósofos. Segundo este modelo, cabe inteiramente ao grupo o papel de clarificar e pensar filosoficamente os conteúdos da aula, sendo que compete ao professor apenas zelar para que estejam presentes as condições que permitem ao grupo prosseguir com a investigação. Segundo Carneiro:

Durante o Diálogo Filosófico o professor deve suspender o seu papel de professor e esforçar-se por “ensinar sem ensinar”, ou seja ensinar os seus alunos a filosofar sem lhes transmitir conhecimentos filosóficos, procurando subtilmente que esse conhecimento surja dos próprios alunos e que isso aconteça de forma cada vez mais natural e rigorosa (CARNEIRO, 2015).

Com a utilização do AF, o papel do professor de Filosofia será o de Aconselhador/Facilitador/Assessor/Consultor Filosófico, definir procedimentos específicos e regras para o desenvolvimento do diálogo socrático, deverá começar com uma pergunta geral, clara e bem formulada. O professor poderá solicitar aos participantes suas opiniões sobre o assunto através de breves exposições, objetivando escolher o tema a ser discutido, após a escolha, o tema deverá ser ordenado, cada



um poderá dar sua opinião de forma clara, procurar ouvir os demais e estar aberto a novas opiniões, não existe discussão sobre quem está ou não certo. Segundo Carneiro, “É esta maturidade no diálogo que o “professor socrático” deve ter como objetivo central logo desde as primeiras sessões de Diálogo Filosófico e para atingi-la deve desenvolver por si mesmo as estratégias que achar mais adequadas”.

Conclusão

As diretrizes para o ensino da Filosofia no Ensino Médio devem ser entendidas como um importante instrumento para dar significado as coisas e aos objetivos sócio culturais da educação. Através da filosofia é possível orientar reflexões que melhorem a capacidade dos alunos a entenderem melhor sua relação histórico-social.

O PNE prevê elevar o nível de escolaridade da população e uma das metas diz respeito à **superação das desigualdades e a valorização da diversidade**, sendo essa meta a missão das ciências humanas, principalmente, da Filosofia. A visão atual da educação vê o aluno como um coadjuvante da sua própria história e a Filosofia é o saber que pode torná-lo protagonista.

Como vimos, às definições do vocábulo grego *ethos* designam a Moral e a Ética como formas constituintes do Ser. Dessa circularidade dialética temos a geração dos conflitos éticos. As mudanças ocorridas no contexto social do homem atual, principalmente no último século, fazem da concepção de homem um ser individualista, cabendo à educação e, principalmente a Filosofia, o papel de transformá-lo num Ser social. Neste processo para a formação do Ser social que, obrigatoriamente passa pela escola, torna esta, o contexto ideal para que os alunos exerçam sua liberdade de pensar e agir, mas, dentro do que podemos chamar de bem comum, liberdade com

responsabilidade.

Liberdade para pensar e estimular a dialética utilizando a razão para promover a discussão sobre conflitos sociais, dotando o indivíduo de habilidades que lhe permitam exercer suas ações no trabalho, na cultura, na política e na convivência com os demais.

Valores morais e éticos são disciplinas estudadas pela Filosofia, assim como, a epistemologia, a lógica e a dialética, por isso, a Filosofia é a disciplina que possui os conhecimentos necessários para dar sustentação ao PNE. Ao professor de Filosofia caberá a tarefa de encontrar novas ferramentas didáticas que o habilitem para essa missão.

A escola pode e deve promover o exercício dialógico, pois, como principal fundamento propedêutico do AF, serve como base para discussão de valores e permitirá ao professor de Filosofia exercer seu papel de “Facilitador”, despojando-se da armadura do conhecimento único, abrindo-se aos demais e a novas opiniões, aprendendo a aprender. Ao aluno cabe sentir a liberdade de poder se expressar sem medo de ser julgado. Conforme Paulo Freire: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” (FREIRE, 1987, pg. 78).

Referências

ACHENBACH, Gerd. **Was is't Philosophische Praxis?** Disponível em: http://www.achenbach-pp.de/de/philosophischepraxis_text_was_ist.asp. Acesso em 15/07/2015.

ARAÚJO, Ulisses F. **Temas Transversais e a Estratégia de Projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda Aranha. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Ulisses. Curso Univesp, Módulo 2, **Educação e Construção de Valores, Educação e Valores, Aula 1 – O Juízo Moral na Criança**. Disponível em:



<http://eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=535>. Acesso em 25/07/2015.

ASEPRAF, **Asesoramiento Filosófico**. Disponível em: <<http://www.asepraf.org/asesoramiento-filosofico/>>. Acesso em 04/07/2015.

BARBOSA, Maria José. **A aula de Filosofia como Laboratório Conceptual**. Braga: APEFP, 2014.

BOTO, Carlota. Curso Univesp, Módulo 1, **Educação e Valores e Cidadania na Escola, Educação e Ética**. Disponível em: <<http://www.eaulas.usp.br/portal/video.action;jsessionid=E8AFB10CE8E84AFDF4DFCC7E9583097A?idItem=707>>. Acesso em 25/06/2015.

CARNEIRO, Tomás Magalhães, **O que é um Diálogo Socrático?** Disponível em: <<https://Filosofiacritica.wordpress.com/>>. Acesso em 01/07/2015.

_____, **Filosofia com Crianças e Jovens**. Disponível em: <<https://Filosofiacritica.wordpress.com/>>. Acesso em 01/07/2015.

_____, **Diálogos Socráticos**. Disponível em: <<https://Filosofiacritica.wordpress.com/o-que-e-um-dialogo-socratico/>>. Acesso em 10/07/2015.

CARVALHO, José Sérgio. Curso Univesp, Módulo 2, **Educação e Construção de Valores, Educação e Valores, aula 17**. Disponível em: <<http://www.eaulas.usp.br/portal/video.action;jsessionid=8B1FBAC0F26AA8FE9F9C7C7E7C5FB586?idItem=547>>. Acesso em 25/06/2015.

CASTRO, Paulo Alexandre e. **AGAPÉ: Uma Proposta Metodológica Para a Boa Direcção da Mente na Filosofia Prática**. Braga: APEFP, 2014.

CAVALLE, Monica, **Qual é o aconselhamento filosófico**. Disponível em: <<http://www.monicacavalle.com/asesorami>

ento-filosofico/que-es-el-asesoramiento/>. Acesso em 04/07/2015.

DIAS, Jorge Humberto, **Entrevista com Jorge Humberto Dias sobre o PROJECT@**. Disponível em: <<http://rolandoa.blogs.sapo.pt/82730.html>>. Acesso em 20/10/2015.

ESTADÃO, **Educação**. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-60-colocado-em-ranking-mundial-de-educacao,1686720>>. Acesso em 14/05/2015.

FARIA, Domingos, **Filosofia Prática**. Disponível em: <<http://blog.domingosfaria.net/2009/08/Filosofia-pratica.html>>. Acesso em 03/07/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. São Paulo: Cortez, 2010.

GALLO, Silvio. **Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3>>. Acesso em 22/11/2015.

MARINOFF, Lou. **Mais Platão Menos Prozac**. São Paulo: Record, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: Cortez, 2000.

PALHARES, Isabela. **O Brasil é o 60º colocado no ranking mundial de educação**. Disponível em <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-60-colocado-em-ranking-mundial-de-educacao,1686720>>. Acesso em 20/11/2015)

PHILLIPS, Christopher. **Sócrates Café**. São Paulo: Sanskrito, 2015.



PNE, Plano Nacional de Educação.
Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>.
Acesso em 21/11/2015.

PEREIRA, Ivo Studart. A Vontade de Sentido na Obra de Viktor Frankl.
Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642007000100007>. Acesso em 20/10/2015.

RAABE, B. Peter. What is Philosophical Counselling? Disponível em:
<<http://www.peterraabe.ca/what.html>>.
Acesso em 25/06/2015.

SAUTET, Marc. Um Café para Sócrates.
São Paulo: José Olympio, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2000.

VAZ, Henrique C. de Lima. Escritos de Filosofia II: ética e Cultura. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

